

BEST-SELLER #1 DO THE NEW YORK TIMES
IRON FLAME



REBECCA YARROS

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



Planeta minotauro

REBECCA YARROS

 **CHAMA**
Planeta minotauro
DE FERRO

Tradução
Laura Pohl

Copyright © Rebecca Yarros, 2023

Publicado em acordo com Sandra Bruna Agencia Literaria e Alliance Rights Agency, LLC. SL.

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024

Copyright da tradução © Laura Pohl, 2024

Todos os direitos reservados.

Título original: *Iron Flame*

Preparação: Renato Ritto

Revisão: Ligia Alves e Caroline Silva

Projeto gráfico: Toni Kerr

Diagramação: Vivian Oliveira

Mapa e diagrama: Melanie Korte e Elizabeth Turner Stokes

Capa: Bree Archer e Elizabeth Turner Stokes

Ilustrações de capa e miolo: Peratek/Shutterstock, yyanng/depositphotos, stopkin/Shutterstock, detchana wangkheeree/Shutterstock e d1sk/Shutterstock

Adaptação de capa: Isabella Teixeira

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Yarros, Rebecca

Chama de ferro / Rebecca Yarros ; tradução de Laura Pohl. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.

784 p. : il.

ISBN 978-85-422-2810-6 (capa dura)

Título original: *Iron Flame*

1. Ficção norte-americana 2. Literatura fantástica I. Título II. Pohl, Laura

24-3300

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2024

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação

São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Neste ano, o 628º após a nossa Unificação, fica registrado que Aretia foi incendiada por um dragão, em conformidade com o Tratado, encerrando o movimento separatista. Aqueles que fugiram conseguiram sobreviver, e aqueles que não escaparam permanecem enterrados em suas ruínas.

— COMUNICADO PÚBLICO 628.85,
TRANSCRITO POR CERELLA NEILWART



CAPÍTULO UM

O gosto da revolução é estranhamente... doce.

Encaro meu irmão mais velho do outro lado de uma antiga mesa de madeira na enorme e movimentada cozinha da fortaleza de Aretia, mastigando o biscoito de mel que ele depositou no meu prato. Caramba, é bom. Muito bom.

Talvez seja só porque faz três dias que eu não como, depois que um ser não-tão-mitológico-assim me esfaqueou no dorso com uma lâmina envenenada que deveria ter me matado. Eu *teria* morrido, não fosse por Brennan, que não para de sorrir enquanto eu como.

Essa talvez seja a experiência mais surreal da minha vida. Brennan está vivo. Venin, que usam magia sombria que eu acreditava só existir nas fábulas, são reais. Brennan está vivo. Aretia ainda está de pé, mesmo depois de ter sido queimada na rebelião Týrrica seis anos atrás. Brennan está *vivo*. Eu tenho uma cicatriz nova de sete centímetros na barriga, mas não morri. Brennan. Está. Vivo.

— Os biscoitos são bons, né? — pergunta ele, pegando um do prato que está entre nós dois. — Eles me lembram daqueles que o cozinheiro costumava fazer quando estávamos em Calldyr, lembra?

Eu o encaro, ainda mastigando.

Ele é tão... ele mesmo. Ainda assim, parece diferente do que me lembro. Os cachos castanhos arruivados estão cortados rente à cabeça em vez de caindo sobre a testa, e não existe mais a suavidade nos ângulos

do rosto dele, que agora exhibe pequenas rugas ao redor dos olhos. Mas o sorriso? Os olhos? São *mesmo* dele.

E o fato de a única condição que ele me impôs antes de me levar até meus dragões ter sido comer alguma coisa? É a coisa mais Brennan do mundo.

Não que Tairn algum dia tenha esperado por qualquer permissão, o que significa...

— *Eu também acho que você precisa comer alguma coisa* — a voz baixa e arrogante de Tairn ecoa na minha cabeça.

— *Tá, tá* — respondo da mesma forma, esticando meu elo mental até Andarna outra vez enquanto um dos ajudantes da cozinha passa por nós, lançando um sorrisinho rápido para Brennan.

Andarna não responde, mas consigo sentir a união cintilante entre nós, apesar de não ser mais dourada como suas escamas. Não consigo ter uma imagem mental do elo, mas meu cérebro ainda está um pouco turvo. Ela está dormindo outra vez, o que não é estranho depois de eu ter usado toda a sua energia para parar o tempo, e, depois do que aconteceu em Resson, ela provavelmente vai passar a semana inteira dormindo.

— Você quase nem falou nada, sabe? — Brennan inclina a cabeça da mesma forma que fazia quando estava tentando resolver um problema. — Meio bizarro.

— Ficar me vendo *comer* é que é bizarro — rebato depois que engulo, minha voz ainda rouca.

— E daí? — Ele dá de ombros, sem vergonha nenhuma, uma covinha se formando em sua bochecha quando sorri. É a única coisa nele que resta de seu rosto travesso de menino. — Alguns dias atrás eu tinha bastante certeza de que nunca mais veria você *fazer...* bom, *qualquer coisa*. — Ele dá uma mordida enorme no biscoito. O apetite dele ainda parece o mesmo, o que é estranhamente reconfortante. — Aliás, de nada pela regeneração. Considere meu presente de vinte e um anos para você.

— Obrigada.

É mesmo. Passei meu aniversário dormindo. E tenho certeza de que ficar deitada na cama à beira da morte foi um dramalhão mais do que suficiente para todo mundo nesse castelo. Nessa casa. Sei lá, tanto faz.

O primo de Xaden, Bodhi, entra na cozinha trajando um uniforme, o braço apoiado em uma tipoia e a nuvem de cachos negros com uma aparência de ter sido aparada há pouco.

— Tenente-coronel Aisereigh — diz Bodhi, entregando uma missiva dobrada para Brennan. — Acabou de chegar de Basgiath. O cavaleiro vai ficar aqui até à noite, se quiser responder.

Ele me lança um sorriso e mais uma vez fico abismada ao ver como ele se parece com uma versão mais delicada de Xaden. Depois de dispensar um aceno de cabeça para o meu irmão, Bodhi dá as costas e vai embora.

Chegou de Basgiath? Outro cavaleiro, aqui? Em quantos eles são? Qual é o tamanho exato dessa revolução?

As perguntas dispararam em minha cabeça mais rápido do que consigo encontrar minha língua.

— Espera aí — digo. — Você é tenente-coronel? E quem é Aisereigh?

Ah, sim, porque essa é *mesmo* a pergunta mais importante a ser feita neste momento.

— Precisei mudar meu sobrenome por motivos óbvios. — Ele olha para mim e desdobra a carta, rompendo o selo de cera azul. — E você ficaria abismada ao saber quão rápido se é promovido por aqui, considerando que todo mundo ao seu redor morre com uma frequência altíssima — completa ele, e então lê a carta e xinga baixinho, enfiando-a no bolso. — Preciso ir me encontrar com a Assembleia agora, mas termine de comer os biscoitos e eu te encontro no saguão daqui a meia hora para te levar aos dragões.

Todos os traços da covinha e do meu irmão mais velho risonho se foram, substituídos por um homem que mal reconheço, um oficial desconhecido. Talvez Brennan também seja só mais um estranho.

Sem esperar por minha resposta, ele arrasta a cadeira para trás e vai embora da cozinha.

Tomando um gole do leite, encaro o espaço vazio que meu irmão deixou a minha frente, a cadeira ainda afastada da mesa como se ele fosse voltar a qualquer instante. Engulo o último farelo de biscoito preso no fundo da garganta e levanto o queixo, determinada a nunca mais ficar sentada esperando meu irmão voltar até mim.

Eu me afasto da mesa e vou atrás dele, saindo da cozinha e caminhando por um corredor comprido. Ele devia estar com pressa, porque não o vejo em lugar nenhum.

O tapete ornamentado abafa o som dos meus passos no corredor largo e arqueado quando eu chego a... *uuu*. As escadarias duplas, enormes e polidas, com corrimãos esculpidos, erguem-se três, não, quatro andares acima de mim.

Eu estava concentrada demais em meu irmão para prestar atenção antes, mas agora encaro, embasbacada, a arquitetura desse espaço imenso. Cada nova plataforma é levemente recuada da plataforma abaixo, como se a escadaria subisse na direção da montanha na qual a fortaleza foi esculpida. A luz matinal entra por uma dúzia de janelinhas que são

a única decoração na parede de cinco andares acima das enormes portas duplas que compõem a entrada da fortaleza. Parecem formar uma espécie de padrão, mas estou perto demais para notá-lo.

Não existe perspectiva aparente, o que na verdade parece uma metáfora para a minha vida inteira nesse momento.

Dois guardas observam meus movimentos, mas não tentam me deter quando passo por eles. Ao menos isso significa que não sou prisioneira.

Continuo caminhando pelo saguão principal da casa, captando, por fim, o som de vozes vindas de um cômodo do outro lado, onde uma de duas portas grandes e trabalhadas está aberta. Enquanto me aproximo, reconheço imediatamente a voz de Brennan, e a pressão em meu peito parece aliviar ao ouvir o timbre familiar.

— Isso não vai funcionar. — A voz profunda de Brennan ecoa. — Próxima sugestão.

Eu atravesso o enorme saguão, ignorando o que parecem ser duas outras alas, para a esquerda e a direita. Esse lugar é fantástico. Metade palácio, metade casa, mas que juntos formam uma fortaleza. As paredes de pedra grossa haviam-na salvado da destruição seis anos atrás. Pelo que tinha lido, a Casa Riorson nunca fora invadida por nenhum exército, mesmo durante os três cercos já documentados.

Pedra não queima. Xaden me disse isso antes. A cidade (que agora foi reduzida a um vilarejo) havia sido silenciosa e secretamente reconstruída durante esses anos todos, bem debaixo do nariz do general Melgren. As relíquias, marcas mágicas que os filhos dos oficiais rebeldes executados carregam na pele, de alguma forma os escondem do poder sinete do general quando se reúnem em grupos de três ou mais. O general não consegue prever o resultado de nenhuma batalha nas quais eles estão presentes, então nunca os “viu” organizando a guerra a ser travada por aqui.

Certos aspectos da Casa Riorson, desde sua posição esculpida nas montanhas até os pisos de pedra e as portas reforçadas de aço, me lembram muito Basgiath, o instituto militar que eu chamo de lar desde que minha mãe recebeu o cargo de comandante-general por lá. Porém, é aí que essas semelhanças terminam. Há obras de arte de verdade penduradas nas paredes aqui, e não só bustos de heróis de guerras exibidos em pedestais; além disso, tenho bastante certeza de que uma tapeçaria poromielesa autêntica está pendurada do outro lado do corredor, onde Bodhi e Imogen estão parados na porta aberta.

Imogen leva os dedos aos lábios e faz um gesto na minha direção para que eu me aproxime e fique no lugar vazio entre ela e Bodhi. Eu o ocupo, notando que o cabelo de Imogen, raspado pela metade, foi

pintado recentemente de um tom de rosa ainda mais forte enquanto eu estive descansando. Ela transmite uma sensação clara de estar confortável aqui. Bodhi também. Os únicos indícios de que os dois estiveram em uma batalha são a tipóia para o braço fraturado de Bodhi e o corte no lábio de Imogen.

— Alguém precisa constatar o óbvio — diz um homem mais velho, com um nariz de bico de gavião e um tapa-olho, do outro lado de uma mesa comprida que ocupa quase toda a sala com pé-direito equivalente a dois andares. Tufos de cabelos grisalhos emolduram as linhas profundas da sua pele levemente escurecida pelo sol e enrugada, as costeletas penduradas como as de um gnu. Ele se reclina no encosto da cadeira, levando uma mão grande à barriga redonda.

A mesa poderia acomodar facilmente cerca de trinta pessoas, mas somente cinco estão sentadas de um lado só, todas vestidas com o uniforme preto dos cavaleiros, empoleiradas um pouco adiante da porta num ângulo no qual precisariam se virar por inteiro para nos ver, coisa que não fazem. Brennan caminha em círculos na frente da mesa, mas também não num ângulo através do qual conseguiria nos ver com facilidade.

Sinto meu coração na garganta e percebo que vou precisar de um tempo para me acostumar a ver Brennan vivo. Embora esteja, de certa forma, exatamente igual a como me lembro dele, ainda assim parece diferente. Mas lá está ele, vivo, respirando, encarando, neste momento, um mapa do continente pendurado na parede comprida. O mapa só perde em tamanho para aquele na sala de Preparo de Batalha em Basgiath.

Parado na frente do mapa, com um braço encostado em uma cadeira enorme enquanto encara a mesa e seus ocupantes, está Xaden.

Ele está bonito, mesmo com as olheiras que mancham a pele marrom-clara sob seus olhos pela privação de sono. As inclinações elegantes de suas bochechas, os olhos escuros que sempre parecem se suavizar quando encontram os meus, a cicatriz que divide a sobrancelha dele em duas partes e acaba logo embaixo do olho, a relíquia circular e brilhante que termina em sua mandíbula e as linhas esculpidas da boca que conheço tão bem quanto a minha compõem a imagem de alguém fisicamente perfeito pra caralho para o meu gosto para homens, e estou falando só do rosto. O corpo dele? De alguma forma é ainda melhor, e a forma como ele o usa quando me tem nos braços...

Não. Balanço a cabeça e interrompo os pensamentos. Xaden pode ser lindo de morrer, poderoso e assustadoramente letal (uma característica que não deveria aumentar o meu tesão por ele, embora aumente),

mas não posso confiar nele para me contar a verdade sobre... bom, qualquer coisa. O que me *magoa*, considerando o quanto estou pateticamente apaixonada por ele.

— E qual é a coisa óbvia que precisa ser constatada, major Ferris? — pergunta Xaden, o tom completamente entediado.

— Isso aqui é uma reunião da Assembleia — sussurra Bodhi para mim, explicando. — Só precisam de um quórum de cinco para convocar uma votação, já que todos os sete quase nunca estão aqui ao mesmo tempo, e apenas quatro votos favoráveis são necessários para aprová-la.

Guardo essa informação.

— Nós podemos ficar ouvindo?

— As reuniões são abertas a quem quiser comparecer — responde Imogen, no mesmo tom sussurrado.

— E nós estamos comparecendo... no corredor?

— Isso — responde ela, sem mais explicações.

— Voltar é a única opção — continua Nariz de Gavião. — Não fazer isso coloca tudo o que construímos aqui em risco. Patrulhas de busca virão, e não temos cavaleiros o suficiente...

— É meio difícil recrutar pessoas enquanto ainda estamos tentando não ser detectados — diz uma mulher pequena com cabelos negros brilhosos como as penas de um corvo, a pele marrom-escura no canto dos olhos se encrespando enquanto olha feio para o homem mais velho do outro lado.

— Vamos tentar não desviar do tópico, Trissa — responde Brennan, esfregando o nariz. É o mesmo nariz do nosso pai. A semelhança entre eles é impressionante.

— Não adianta nada aumentar nosso contingente sem uma forja funcional para fornecer armas para todos. — A voz de Nariz de Gavião se eleva acima dos outros. — Ainda não temos lucernas, caso não tenha notado.

— E qual é o estado da negociação com o visconde Tecarus para usar a dele? — pergunta um homem grandalhão numa voz calma e retumbante, a mão cor de ébano esfregando a barba prateada espessa.

Visconde Tecarus? Não me lembro desse nome como sendo de uma família nobre nos registros navarrianos. Nossa aristocracia nem sequer contempla viscondes.

— Ainda estamos tentando encontrar uma solução diplomática — responde Brennan.

— A solução não existe. Tecarus não superou a ofensa que você fez a ele no verão passado. — Uma mulher mais velha, robusta como um

machado de batalha, trava seu olhar em Xaden, os cabelos loiros chegando até o queixo quadrado cor de alabastro.

— Eu já disse que não faz diferença, o visconde nunca teria concordado em nos dar, para começo de conversa — responde Xaden. — Ele só *colecciona* coisas. Não faz *trocas*.

— Bom, agora é que ele não vai *trocar* nada com a gente, mesmo — rebate ela, estreitando o olhar. — Especialmente considerando que você nem sequer considerou a última oferta dele.

— Ele que se foda com aquela *oferta* dele. — A voz de Xaden transmite calma, mas os olhos adquirem uma dureza que desafia qualquer um na mesa a discordar. Como se para mostrar que as pessoas ali não valem o tempo dele, passa o braço ao redor da enorme cadeira à frente de todos e se acomoda ali, esticando as pernas compridas e repousando os braços nos descansos de veludo como se não tivesse nenhuma outra preocupação no mundo.

O silêncio que se abate na sala é significativo. Xaden detém tanta importância na Assembleia dessa revolução quanto em Basgiath. Não reconheço nenhum dos outros cavaleiros a não ser por Brennan, mas apostaria que Xaden é o mais poderoso de toda a sala, considerando o silêncio.

— *Por enquanto* — Tairn me lembra, com uma arrogância que somente cem anos sendo um dos dragões de batalha mais formidáveis no Continente pode conferir. — *Instrua os humanos a levarem você para o vale assim que a politicagem houver terminado.*

— É melhor que exista uma solução. Se não conseguirmos providenciar armas boas o suficiente para que as revoadas tenham chance de lutar, de fato, no próximo ano, nossa maré de esperança vai sumir e não vamos conseguir conter o avanço dos venin — comenta Barba Prateada. — Tudo que fizemos terá sido em vão.

Meu estômago revira. No próximo ano? Estamos *tão* perto assim de perder uma guerra sobre a qual eu nada sabia há apenas alguns dias?

— Como falei, estou trabalhando em uma solução diplomática para a lucerna — diz Brennan, mais afiado —, e fugimos tanto do assunto a ser discutido que nem sei mais o motivo desta reunião.

— Eu voto para pegarmos a lucerna de Basgiath — sugere Machado de Batalha. — Se estamos tão perto assim de perder a guerra, não temos outra opção.

Xaden lança um olhar indecifrável para Brennan, e eu respiro fundo quando percebo: ele provavelmente conhece meu irmão melhor do que eu.

E manteve meu irmão longe de mim. De todos os segredos que ele guardou, esse é o que não consigo engolir.

— *E o que teria feito com esse conhecimento, caso ele tivesse sido compartilhado com você?* — pergunta Tairn.

— *Pare de tentar rebater com lógica um argumento emocional.*

Cruzo os braços. É meu coração que não deixa a cabeça perdoar Xaden.

— Nós já discutimos isso — fala Brennan, num tom de conclusão. — Se tomarmos o equipamento da forja de Basgiath, Navarre não conseguirá reabastecer os suprimentos nos entrepostos. Inúmeros civis vão morrer se as égides fracassarem. Algum de vocês quer ser responsável por isso?

O silêncio reina.

— Então concordamos — diz Nariz de Gavião. — Até conseguirmos dar suprimentos às revoadas, os cadetes *precisam* voltar.

Ab.

— Estão falando de nós — sussurro.

É por isso que estamos longe dos olhares diretos.

Bodhi assente.

— Você está estranhamente quieta, Suri — comenta Brennan, olhando para a mulher de cabelos escuros, ombros largos e pele marrom-clara com uma única mecha prateada no cabelo, sentada ao lado dele, cujo nariz franze como o de uma raposa.

— Digo para mandarmos todos menos os dois. — A indiferença dela faz um arrepio subir por minha coluna enquanto tamborila os dedos magros na mesa, um anel de esmeralda gigante refletindo a luz. — Seis cadetes mentem tão bem quanto oito.

Oito.

Xaden, Garrick, Bodhi, Imogen, três marcados que eu nunca tive a chance de conhecer antes de sermos enviados para a batalha e... eu.

A náusea me invade como uma maré. Os Jogos de Guerra. Devíamos ter terminado a última competição do ano entre as Asas da Divisão dos Cavaleiros em Basgiath, mas em vez disso travamos uma batalha mortal com um inimigo que até semana passada eu acreditava que só existia em mitos, e agora... bem, agora aqui estamos nós, em uma cidade que supostamente não deveria existir.

Mas nem todos chegaram até aqui.

Sinto um aperto na garganta e pisco os olhos para amainar a ardência. Soleil e Liam não sobreviveram.

Liam. Cabelos loiros e olhos azuis da mesma cor do céu preenchem minha memória, e sinto uma dor entre as costelas. A gargalhada animada dele. O sorriso rápido. A lealdade e a gentileza que demonstrava. Tudo isso se foi. *Ele* se foi.

Tudo porque ele tinha jurado a Xaden que iria me proteger.

— Nenhum dos oito é dispensável, Suri. — Barba Prateada se inclina para trás e se apoia nas duas pernas traseiras da cadeira, examinando o mapa atrás de Xaden.

— O que propõe que façamos, então, Felix? — rebate Suri. — Que comandemos nosso próprio instituto militar no tempo livre? A maior parte deles não terminou os estudos. Ainda não são úteis para nós.

— Como se fosse da conta de qualquer um de vocês se vamos voltar para lá ou não — interrompe Xaden, chamando a atenção de todos. — Vamos ouvir os conselhos da Assembleia, mas vamos considerá-los apenas como tais. *Conselhos*.

— Não podemos nos dar ao luxo de arriscar a sua vida... — argumenta Suri.

— Minha vida vale tanto quanto a deles. — Xaden gesticula na nossa direção.

Brennan se vira, encontrando meu olhar, e então arregala os olhos.

Todas as cabeças na sala se viram na nossa direção, e eu resisto ao impulso de fugir enquanto quase todos os olhos se estreitam ao me ver.

Quem será que eles veem? A filha de Lilith? Ou a irmã de Brennan?

Ergo o queixo, porque afinal eu sou as duas coisas... e não me sinto nenhuma delas.

— Nem todas as vidas — diz Suri, olhando diretamente para mim. *Ai*. — Como foi que ficou aí parado deixando que ela ouvisse toda a conversa da Assembleia?

— Se não quisessem que ela ouvisse, deveriam ter fechado a porta — retruca Bodhi, entrando na sala.

— Não podem confiar nela! — A raiva pode até enrubescer as bochechas dela, mas o que vejo nos olhos de Suri é medo.

— Xaden já disse que é responsável por ela. — Imogen dá um passo para o lado, chegando mais perto de mim. — Por mais que essa seja uma tradição brutal.

Eu me viro para encarar Xaden. De que porra ela está falando?

— Ainda não compreendo essa decisão em particular — acrescenta Nariz de Gavião.

— A decisão foi simples. Ela vale uma dúzia de mim — diz Xaden, e prendo a respiração ao constatar a intensidade nos olhos dele. Se não o conhecesse, acharia que ele está falando sério. — E não estou falando só do sinete. De qualquer forma, eu teria contado a ela tudo que discutimos aqui, então a porta estar aberta é irrelevante.

Uma faísca de esperança se acende em meu peito. Talvez ele tenha mesmo parado de guardar segredos.

— Ela é filha da general Sorrengail — pontua Machado de Batalha, a frustração saliente na voz.

— E eu sou o filho da general — argumenta Brennan.

— E você já provou sua lealdade nos últimos seis anos! — grita Machado de Batalha. — Ela, não!

A raiva faz meu pescoço esquentar, tingindo meu rosto de vermelho. Estão falando de mim como se eu nem estivesse presente.

— Ela lutou do nosso lado em Resson. — Bodhi fica tenso, o tom de voz se elevando.

— Ela deveria estar confinada. — O rosto de Suri fica completamente corado enquanto ela se afasta da mesa e se põe de pé, seu olhar descendo pela metade prateada do meu cabelo que forma a coroa da minha trança. — Pode arruinar a todos nós com o conhecimento que tem agora.

— Concordo. — Nariz de Gavião se junta a ela no olhar de ódio palpável que lança em minha direção. — Ela é perigosa demais para que não a mantenhamos em cativeiro.

Tensiono os músculos da barriga, mas disfarço a expressão como já vi Xaden fazer inúmeras vezes e solto as mãos na lateral do corpo, perto das minhas adagas embainhadas. Meu corpo pode ser frágil, minhas articulações pouco dignas de confiança, mas minha mira com uma adaga é letal. Nem fodendo que vou deixar que me prendam aqui.

Observo cada um dos membros da Assembleia, avaliando qual deles é a maior ameaça.

Brennan endireita a postura.

— Mesmo sabendo que ela se uniu a Tairn, dragão que faz uniões cada vez mais profundas a cada cavaleiro e cuja última união, com Naolin, foi tão forte que a morte dele quase o matou? Sabendo que tememos que ele morra se ela morrer agora? E que, por esse motivo, a vida de Riorson está conectada à dela? — Brennan indica Xaden com a cabeça.

A decepção é amarga em sua língua. É só isso que sou para ele? A fraqueza de Xaden?

— Somente eu sou responsável por Violet. — A voz de Xaden fica mais rouca, perversa. — E se apenas eu não for o suficiente, não temos apenas um, mas *dois* dragões que garantem a integridade dela.

Já chega.

— *Ela* está bem aqui — rebato, e uma quantia nada elogiosa de satisfação percorre meu sangue quando várias pessoas ficam boquiabertas. — Então parem de falar *sobre* mim e tentem falar *comigo*.

Um canto da boca de Xaden se levanta, e o orgulho que transparece na expressão dele é inconfundível.

— O que querem de mim? — pergunto à Assembleia, entrando na sala. — Querem que eu caminhe pelo Parapeito para provar minha coragem? Já fiz isso. Querem que eu traia o meu reino e defenda cidadãos de Poromiel? Já fiz também. Querem que eu guarde todos os segredos dele? — Gesticulo na direção de Xaden com a mão esquerda. — Fiz isso também. Guardei *todos* os segredos dele.

— Tirando o que mais importava. — Suri ergue a sobrancelha. — Todos sabemos como vocês foram parar em Athebyne.

Sinto a culpa entalar na garganta.

— Aquilo não foi... — começa Xaden, levantando-se da cadeira.

— Não foi culpa dela, em absoluto. — O homem mais perto de nós, o da barba prateada, se põe em pé. Felix. Ele se coloca entre mim e Suri, bloqueando a visão que ela tinha do meu corpo e a encarando. — Nenhum primeiranista poderia lidar com um leitor de memórias, especialmente um que ela considerava amigo. — Ele me olha. — Mas você deve saber que tem inimigos em Basgiath agora. Caso retorne, entende que Aetos não será um de seus amigos. Fará tudo em seu poder para matar você pelo que viu.

— Eu sei. — As palavras parecem grossas demais para saírem da minha boca.

Felix assente.

— Acabamos por hoje — diz Xaden, o olhar encontrando o de Suri e depois o do homem com nariz de gavião. Os ombros dele se abaixam, derrotados.

— Espero uma atualização de Zolya pela manhã — diz Brennan. — Considerem esta reunião de Assembleia terminada.

Os membros do conselho saem de suas cadeiras e passam por nós três assim que damos passagem. Imogen e Bodhi permanecem ao meu lado.

Por fim, Xaden começa a sair, mas para na minha frente.

— Estamos indo para o vale. Nos encontre quando acabar.

— Vou com você agora. — Esse é o último lugar no Continente em que quero ser deixada para trás.

— Fique e converse com seu irmão — retruca ele, baixando a voz. — Não dá pra saber quando vai ter outra oportunidade.

Olho por cima do ombro de Bodhi e vejo que Brennan está parado no meio da sala, esperando por mim. Brennan, que sempre arrumava tempo para me ajudar a atar os joelhos quando eu era criança. Brennan, que escreveu o livro que me ajudou a sobreviver no meu primeiro ano. Brennan... de quem sinto saudades há seis anos.

— Pode ir — incentiva Xaden. — Não vamos embora sem você, assim como não vamos deixar que a Assembleia controle o que fazemos. Vamos decidir o que fazer juntos. Os oito que sobreviveram.

Ele lança um olhar demorado para mim que faz meu coração traiçoeiro se apertar e depois se afasta. Bodhi e Imogen o seguem.

Sozinha na sala, a única escolha que tenho é me voltar para o meu irmão, munida de seis anos de perguntas acumuladas.

